

Por que não uma abordagem praxeológica?!

OLGIERD SWIATKIEWICZ (*)

1. INTRODUÇÃO

Propomo-nos a apresentar aqui uma outra plataforma epistemológica, para alguns muito teórica e normativa (Auspitz, 1988; Ferrari, 1988), apriorista e genérica, para outros muito prática, útil e sobretudo baseada na reflexão prática do quotidiano. Uma perspectiva diferente, pelo menos quanto à origem de grande parte da sua produção científica, pois não é nem anglo-saxónica (ou americana) nem francófona, mas sobretudo polaca, pois foi na Polónia que o maior desenvolvimento da praxeologia teve lugar.

Há praxeologia, mas também há praxeologias. Isto quer dizer que podemos, por exemplo, falar da abordagem praxeológica no singular quando pretendemos incluir o nosso estudo ou pesquisa no âmbito desta corrente de pensamento ou quando numa investigação ou nos seus resultados encontramos os principais traços ou conceitos da análise praxeológica, independentemente da área específica de aplicação, seja ela a psicologia, a sociologia, a economia ou outra. Ao mesmo tempo, porém, existem várias praxeologias, pelo menos tantas quantos os seus principais fundadores – Alfred Espinas, Tadeusz

Kotarbinski, Ludwig von Mises, George Hostelet – e tantas quantas as linhas de demarcação.

A análise praxeológica sempre assentou na avaliação e na crítica da actuação/acção do ponto de vista da sua eficiência e na revisão dos conceitos que envolvem a acção propositada (intencional). Actualmente tem maior desenvolvimento e maior divulgação social um outro grande objectivo praxeológico – o aconselhamento ou as recomendações normativas conducentes a um aumento da eficiência humana. Daí resulta também um conjunto de estudos relacionados com a preparação da acção ou actividades preparativas da acção propriamente dita, tais como o «design», o planeamento, a tomada de decisão, etc. (Gasparski, 1993). J. L. Auspitz (1988) levanta mesmo esta questão, escrevendo: «...o exemplo de Kotarbinski inspirou trabalhos no âmbito da teoria do planeamento, aconselhamento profissional, organização, gestão e projecto» (p. 4).

A praxeologia pertence ao conjunto das ciências práticas (Kotarbinski, 1983; Gasparski, 1983 e 1993a) chamadas também ciências aplicadas ou ciências sobre os artefactos (Simon, 1969).

A praxeologia também é uma ciência comportamental e, tal como a pensou T. Kotarbinski, refere-se principalmente ao comportamento humano, visto que a actuação/acção é um caso particular do comportamento humano, um comportamento virado para um objectivo ou uma missão, realizado propositadamente (consciente-

(*) Escola Superior de Tecnologia do Instituto Politécnico de Setúbal. Investigador sénior da Unidade de Investigação em Psicologia Social, ISPA. Membro do Towarzystwo Naukowe Prakseologii (Sociedade Científica de Praxeologia), Varsóvia.

mente) e de acordo com a livre vontade do sujeito da acção (Gasparski, 1994).

Em primeiro lugar queremos apresentar a história do conceito e os seus fundadores para depois nos concentrarmos no pensamento praxeológico que nos parece mais abrangente, mais completo e mais frutífero – a praxeologia de Tadeusz Kotarbinski e dos seus continuadores.

2. O CONCEITO E O SEU PERCURSO HISTÓRICO

Praxeologia (do grego práxis - acção, actualização, acto, actividade; lógos - ciência) em francês – «praxéologie», em inglês – «praxeology» e, posteriormente «praxiology», de onde provavelmente também em português no Dicionário da Língua Portuguesa (1976) da Porto Editora aparecem dois termos – «praxeologia» e «praxologia».

A praxeologia é uma ciência ou um ramo de conhecimento sobre a actuação eficiente (Dzida, 1987; Pszczolowski, 1967), a teoria geral da actuação eficiente (Kotarbinski, 1969; Pszczolowski, 1978), a ciência sobre as condições da eficiência da actuação (Zieleniewski, 1978, 1979), o estudo geral da actividade racional (Gasparski, 1988), ou, como escreveu Tadeusz Kotarbinski (1975) «... uma ciência sobre a eficiência da actividade humana» (p. 13).

A praxeologia pode ser designada também como metodologia geral (Kotarbinski, 1986; Gasparski, 1986, 1993a), o que constitui a generalização de uma certa parte da lógica compreendida, como antigamente, como a metodologia do raciocínio (Pszczolowski, 1986).

«A praxeologia, num determinado sentido, é algo muito novo e, noutro sentido, algo muitíssimo velho. É nova, enquanto especialidade científica a nascer e, é velha, enquanto conhecimento pré-científico, conhecimento geral» (Kotarbinski, 1975, p. 16).

A própria designação «praxeologia» foi usada pela primeira vez por Louis Bourdeau em «Theorie des sciences. Plan de science integrale» publicado em Paris em 1882 (de acordo com Dabrowski, 1989; Pszczolowski, 1986), e praxeologia designava a ciência das funções. Porém, uma primeira exposição do pensamento praxeológico podemos encontrar na obra dum cientista

espanhol, Meliton Martin, publicada em Madrid em 1863 sob o título «Ponos» (Dabrowski, 1989). Mas nem Bourdeau, nem Martin elaboraram um programa de praxeologia enquanto uma disciplina de conhecimento autónoma (Dabrowski, 1989).

O fundador da praxeologia, amplamente reconhecido, é Alfred Espinas, que em 1890 (Kotarbinski, 1969) ou em 1897 (Dabrowski, 1989) publicou na «Revue Philosophique de la France et de l'Etranger» o artigo intitulado «Les origines de la technologie» (reeditado em 1991 em polaco na revista «Prakseologia»), onde apresentou os objectivos desta nova disciplina. Espinas entendia a praxeologia como a ciência sobre as formas e as regras gerais da actuação no mundo dos seres que se podem movimentar.

O interesse de A. Espinas pela praxeologia resultou de estudos desenvolvidos no âmbito da psicologia e economia. Exceptuando as belas artes, Espinas reparou que a actividade humana abrangia conhecimento e prática, especulação e acto, busca da verdade e procura da utilidade, ciência e técnica (Dabrowski, 1989). Daí também podermos dividir a humanidade civilizada num grupo de pessoas que se ocupa da ciência, com o conhecimento e, num grupo muito maior de pessoas que desenvolve uma actividade prática.

Utilizando alternadamente os conceitos de «praxeologia» e de «tecnologia geral» para designar a disciplina sobre os conjuntos de regras práticas, existentes no âmbito das habilidades práticas e das técnicas, que podemos encontrar nas sociedades humanas desenvolvidas, Espinas (1991) divide-a em três problemáticas praxeológicas. A primeira contém a descrição analítica, a tipologia, a classificação e a sistematização das habilidades práticas. A segunda abrange o estudo das condições e das leis que determinam a eficácia da actuação. A terceira e a última contém a descrição da génese e da formação das habilidades, dos seus métodos de aperfeiçoamento e do seu eventual desaparecimento. De acordo com A. Espinas a praxeologia tem o mesmo papel no âmbito da actuação que a lógica no âmbito do conhecimento. A «actuação» para Espinas significa um processo contínuo de adaptação do sujeito ao seu meio envolvente. As regras práticas equilibradas (Espinas, 1991) são interligadas entre si não só lógica mas também orga-

nicamente, de tal modo que se torna impossível concluir sobre umas com base nas outras. Não se pode falar de regras de actuação absolutas, mas apenas de regras relativizadas à consciência europeia contemporânea (Espinosa, 1991).

A. Bogdanov (1873-1928) foi um outro representante desta corrente de pensamento, embora não tenha empregue a designação de «praxeologia» (Pszczolowski, 1986). A sua obra «Tectologia» foi publicada em 1922 e a primeira tradução para o alemão intitulada «Allgemeine Organisationslehre» foi publicada em dois volumes, em 1924 e em 1926 (de acordo com Dabrowski, 1989). A «Tectologia» de Bogdanov era uma ciência sobre a estrutura (organização) de objectos compostos, poder-se-ia chamá-la também «teoria geral da organização», pois toda e qualquer actuação constitui sempre alguma organização (no sentido do inglês «organizing») ou desorganização (enquanto processo de decomposição da organização).

Enquanto o programa praxeológico de Espinosa – como escreve Dabrowski (1989) – abrangia sobretudo a tipologia dos actos e se concentrava nas actuações simples e individuais, o programa de Bogdanov era mais geral e abrangia sobretudo as actuações colectivas e complexas.

Eugeniusz Slucki (1880-1948), um economista e matemático de origem polaca, radicado em Kiev é mais um dos pioneiros da praxeologia que em 1926 publica uma obra («Beitrag zur formal-praxeologischen Grundlegung der Oekonomie») dedicada a esta temática (Kotarbinski, 1969). Slucki elaborou um esboço do programa de construção dum sistema dedutivo formal, baseado nos conceitos vindos da economia política (Dzida, 1987). Para Slucki a praxeologia constitui apenas uma das partes duma disciplina mais geral – a da teoria das ocorrências, e a própria praxeologia, o seu sistema, após uma certa concretização, passa ao sistema económico (Dabrowski, 1989).

Ludvig von Mises um austríaco nascido em Lvov e emigrante nos EUA, tal como Slucki relacionava a economia com a praxeologia (Pszczolowski, 1986). Para L. von Mises, a praxeologia era uma ciência formal e apriorista, uma ciência sobre a actividade humana, cuja parte mais elaborada era a economia.

Havia também outros autores que falavam de maneira mais ou menos afim da praxeologia: S.

Kozakiewicz (1823) fez uma tentativa de elaboração dos elementos da teoria da actuação eficaz; M. Blondel (1893) achava que se devia criar uma ciência sobre a aplicação dos conhecimentos empíricos e científicos; Ch. A. Mercier (1911) falava da utilidade da praxeologia; G. Hostelet desenvolveu os seus estudos no âmbito da metodologia da actividade prática, etc.

Para além do conceito geral de «praxeologia» aqui assumido, esta designação aparece também na literatura científica noutros contextos ou contendo outras significações (de acordo com Dzida, 1987): como na política experimental ou ética experimental de C. Ottaviano (1935); como uma parte da psicologia behaviorista, que estuda a actuação eficaz humana de Zing-Yang-Kuo (1937); na teologia, enquanto ciência relacionada com a prática, uma parte da ética, praxeologia moral, que estuda as causas e as leis da actuação humana, etc.

3. A PRAXEOLOGIA DE TADEUSZ KOTARBINSKI

A praxeologia, enquanto ciência sobre a actuação eficiente do homem foi concebida principalmente por Tadeusz Kotarbinski (1886-1981) – um dos expoentes máximos da filosofia polaca e representante da escola filosófica de Lvov-Varsóvia (Gasparski, 1989; Wolenski, 1985).

«Em 1910, Kotarbinski formulou, independentemente dos autores franceses, a sua própria concepção da teoria do acto, da prática – como previamente lhe chamou» (Gasparski, 1986, p. 11). A primeira obra escrita na qual Kotarbinski expôs o seu pensamento praxeológico foi «Szkice praktyczne» («Esboços práticos») de 1913. Posteriormente desenvolveu esta sua concepção atribuindo-lhe a forma de metodologia geral e a denominação alternativa de «praxeologia», reconhecendo as sugestões dos precursores franceses.

Pressupondo que a metodologia é uma ciência sobre os métodos, isto é os modos de actuação hábil – como escreve Kotarbinski (1986) – assumimos uma concepção praxeológica da metodologia e, a tal metodologia podemos chamar metodologia geral. No «Tratado sobre o bom trabalho» («Traktat o dobrej robocie»), T. Kotar-

binski (1969) descreve do seguinte modo a relação existente entre a metodologia e a praxeologia: «como a própria noção de método pertence ao conjunto dos conceitos da praxeologia, então a eventual ciência sobre os tipos de métodos, sobre as qualidades e os defeitos dos métodos, isto é a metodologia geral anteriormente postulada, também se encontra dentro da perspectiva praxeológica.» (p. 87). A principal e mais abrangente obra de T. Kotarbinski dedicada à praxeologia – tal como lhe chama M. Zdyb (1987): «a Constituição da praxeologia» – foi o «Tratado sobre o bom trabalho» («Traktat o dobrej robocie») editado pela primeira vez em polaco, em 1955. A praxeologia foi várias vezes designada por Kotarbinski como a «ciência sobre o bom trabalho», daí o título do livro.

Tadeusz Kotarbinski reparou que na Filosofia havia um «espaço» não preenchido no capítulo da filosofia do acto, da filosofia da actuação e da prática. Não sabia como devia chamar este «espaço», por isso tentou aplicar vários termos em diversas ligações com a primeira parte da denominação – ciência, teoria, lógica, metodologia, gramática, mas não aplicava aqui o conceito de filosofia do acto ou da actuação, provavelmente para não ser confundido com outros autores desta temática, como M. Blondel ou Cieszkowski. Talvez fosse melhor chamar este seu pensamento «tecnologia geral da actuação» ou simplesmente «prática» por analogia à ética. Desde o ano de 1923, ao lado da «teoria do acto» aparece também a «praxeologia», que com o tempo ultrapassou outras designações (Pszczolowski, 1986).

«A praxeologia de Kotarbinski foi concebida na Polónia e constitui o resultado da análise da língua em que os Polacos falam sobre a actuação. A língua polaca é semelhante a outras línguas eslavas, mas é, com certeza, diferente do inglês» (Gasparski, 1993, p. 99) e do português. Daí que, apesar de existirem numerosas traduções de «praxeologia» para o inglês, as dificuldades na tradução parecem resultar das diferenças das línguas em que estão inseridas as diferentes culturas e toda a esfera da actividade prática das diferentes nações (Gasparski, 1993), daí também que possam resultar problemas ou inexactidões na tradução de alguns conceitos praxeológicos para o português.

A praxeologia constitui uma parte da filosofia

prática (ou da ética em sentido lato) de Kotarbinski composta por três partes. Para Kotarbinski as outras duas partes da filosofia prática, isto é a «felicologia» (mas também a «eudaemologia», a «hedonística») e a «ética» em sentido estrito, dedicam-se a outros aspectos da actuação (Auspitz, 1988).

«Construindo a ciência sobre a actuação eficiente, T. Kotarbinski postulava a constituição de uma teoria ainda mais geral do que esta. Entre elas considerava como mais geral a teoria do objecto composto ou a teoria dos complexos, que actualmente está a ser desenvolvida como a teoria geral dos sistemas» (Dzida, 1987, p. 492).

Kotarbinski viu na teoria das ocorrências, uma teoria de nível inferior à teoria dos complexos. E abaixo desta teoria encontrava-se, de acordo com Kotarbinski (1969, 1986), a teoria da actuação/acção, pois ela trata de ocorrências particulares e de uma relação causal específica.

A teoria da actuação/acção é mais geral do que a praxeologia e, trata não só da actuação eficiente, mas também da actuação entendida de forma muito geral, como todo o tipo de comportamento humano.

Em praxeologia distinguem-se três níveis de abordagem: o metapraxeológico, o da praxeologia geral e o da praxeologia específica. Daí que «...a todo o tipo de considerações filosóficas, económicas ou jurídicas se possa atribuir a denominação de praxeologia geral e, a todo o tipo de considerações que dizem respeito à análise de elementos ou sistemas praxeológicos, a denominação de metapraxeologia» (Dzida, 1987, p. 493). A metapraxeologia era o domínio de análise de T. Kotarbinski. Oskar Lange também praticava, de certo modo, a metapraxeologia no âmbito da economia política (Gasparski, 1988).

A praxeologia de Kotarbinski engloba três áreas principais: a análise de conceitos de toda a actividade dirigida para um objectivo ou um conjunto de objectivos – uma missão; a análise e a crítica dos métodos de actuação utilizados na prática do ponto de vista da valorização/avaliação de acordo com a regra do «duplo E» (eficácia – eficiência); e, a parte normativa (as directrizes práticas: obrigações e proibições, recomendações e avisos) que indica como aumentar a eficiência da actuação (Dzida, 1987; Gasparski, 1986, 1989). Gasparski (1986, 1995) chama a esta praxeologia – praxeologia clássica, opondo-a

de certo modo à praxeologia moderna, orientada para a «...exploração da arte da resolução de problemas práticos (...) tornando-se uma metodologia de actividades preparativas – a pré-acção, tais como a organização, o planeamento, a tomada de decisão ou em geral – o “design”» (Gasparski, 1986, p. 14).

Ao construir os princípios e as regras da metodologia de investigação, Kotarbinski elaborou um sistema terminológico específico. Fazem parte deste sistema os conceitos e as designações que abordam os métodos e as técnicas de actuação (por exemplo: agente/actor, impulso, acto, objectivo, resultado, produto, etc.) e os modos de avaliação da actuação do ponto de vista da sua eficiência (por exemplo: eficiência, eficácia, produtividade, etc.). As avaliações na análise praxeológica são relativizadas ao objectivo, constituem um sistema de avaliações utilitárias (teleológicas). Não fazem parte deste sistema as avaliações emocionais pertencentes à ética ou à estética. Porém ultimamente, talvez após a releitura da obra de Kotarbinski ou, em resultado da verificação dum impacto significativo, foi acrescentado um terceiro «E» à avaliação de acordo com a «regra do duplo E», isto é, a avaliação ética da actuação (Gasparski, 1994).

O conceito básico da praxeologia de Kotarbinski e dos seus continuadores é o conceito da «actuação» (em inglês «action», em polaco «działanie»), entendido como um comportamento humano dirigido para um objectivo (intencional; em inglês «goal-seeking»), consciente (propositado) e de acordo com a sua vontade (Gasparski, 1986, 1994; Pszczolowski, 1978a; Wawrzynczak, 1988). As actuações estão sujeitas a valorização do ponto de vista da realização do objectivo – são valorizadas do ponto de vista da eficácia (efeito) da actuação e, tendo em conta o decorrer desta realização, isto é, a eficiência (em polaco «sprawność»; em inglês «efficiency», «efficaciousness» ou «effectiveness») – que engloba tanto a eficácia como a lucratividade, a valorização do ponto de vista económico etc. «Esta valorização de acordo com a regra do “duplo E” (efeito-eficiência) – valorização utilitária – constitui o elemento inalterável dos comportamentos humanos dirigidos para um objectivo» (Gasparski, 1986, pp. 12-13).

Pszczolowski (1978b) distingue dois significados do conceito de «eficiência»: o sentido

sintético e o universal. A eficiência no sentido sintético significa o conjunto de valores práticos da actuação, ou seja, as suas características, avaliadas positivamente. A eficiência no sentido universal significa cada um dos valores práticos da actuação em separado. Neste sentido a eficácia, os valores económicos, a lucratividade, a racionalidade, a energia, a apropriabilidade etc., constituem, todos eles, a eficiência (Auspitz, 1988; Pszczolowski, 1978b).

O conjunto de conceitos da terminologia aplicada à descrição da actuação, permite distinguir vários tipos da mesma. Em praxeologia considera-se actuação também a abstenção de actuação; distingue-se assim a actuação interna, isto é, imanente, que constitui um esforço psíquico puro, da actuação externa, expressa nalgum movimento propositado do corpo do sujeito.

Aplicando o sistema terminológico, a praxeologia designa, no âmbito da tipologia das actuações, as suas regras e directrizes práticas, isto é, o que o sujeito actuante deve fazer (ordens e recomendações), em determinadas condições, para atingir o objectivo ou, o que não deve fazer (proibições e advertências práticas). Exemplo das directrizes práticas podem ser os conceitos de antecipação, cunctação, preparação, potencialização e vários outros.

A praxeologia foi enriquecendo em resultado das produções das outras ciências, tais como a teoria dos jogos, a teoria da tomada de decisão, a investigação operacional, a cibernética e a teoria da informação, a economia, a sociologia etc., e *vice versa*, a produção praxeológica tem enriquecido várias especialidades científicas, como por exemplo a psicologia do trabalho, a sociologia, as ciências da administração e muitas outras.

A praxeologia do ponto de vista do seu aparelho conceptual, construção das regras e directrizes práticas (relativizadas ao objectivo), tem aplicação, tanto nas teorias científicas de algum modo mais gerais em relação a ela como nas teorias que se encontram num nível inferior, ou então nas novas teorias desenvolvidas no âmbito da ciência da actuação eficiente/metodologia geral (Dzida, 1987).

Da praxeologia dum único indivíduo, do agente/actor de Kotarbinski nasceu a teoria praxeológica das organizações, lançada primeiramente por J. Zieleniewski (1968, 1978, 1979) e desenvolvida posteriormente por T. Pszczolowski

(1978), W. Kiezun (1980) e B. R. Kuc (1986, 1987), na qual a análise incide também sobre os grupos, sobre as equipas de trabalho, as organizações ou os conjuntos de organizações. Mas o que salienta Dzida (1987): «na passagem de pressupostos da micro para os da macropraxeologia têm de ser revistos de certo modo os fundamentos e os pressupostos metodológicos actuais, inclusive os conceitos e as directrizes, hermética e arbitrariamente esboçados por Kotarbinski» (p. 494).

Como repara Dzida (1987), a problemática praxeológica foi incorporada também em socio-técnica – parte da sociologia aplicada, conhecida também como a engenharia social. O pioneiro da sociotécnica na Polónia é A. Podgórecki (1974), que designa esta disciplina como a teoria da actuação social eficiente.

Partindo dos pressupostos gerais, delineados por T. Kotarbinski no «Tratado sobre o bom trabalho», J. Rudnianski desenvolveu a teoria da luta (em inglês «struggle»), entendida como um certo género de co-actuação/cooperação no meio social entre os indivíduos e/ou as equipas com objectivos não concomitantes (Dzida, 1987, Gasparski, 1989).

Uma parte da praxeologia, enquanto metodologia geral, constitui a metodologia do «design» ou a metodologia do projecto. Este ramo de conhecimento praxeológico ocupa-se da actuação humana entendida como preparação conceptual da actuação propriamente dita, daí o seu nome – metodologia do design (Gasparski, 1983a; 1989a). No âmbito desta problemática, cujo principal representante é W. Gasparski, desenvolvem-se os estudos sobre a metodologia pragmática do design, isto é, sobre como se elaboram os projectos (tipos de actuações e de tarefas durante a elaboração do projecto – o processo do design, sua análise, descrição de procedimentos, métodos do design, etc.) e, a metodologia apragmática, que estuda o objecto do projecto (projectos *in statu nascendi* e os resultados deste processo). Os estudos neste âmbito são desenvolvidos pelas equipas interdisciplinares, compostas por metodólogos, praxeólogos, matemáticos, psicólogos, engenheiros, juristas, sociólogos e outros.

No âmbito de praxeologia está a desenvolver-se também a teoria de exploração, que se ocupa da organização racional do sistema de explora-

ção e da optimização deste processo. O principal representante e pioneiro desta abordagem é J. Konieczny, que divide a teoria da exploração em teoria geral, cujo objectivo de estudo é a exploração racional dum objecto qualquer (incluindo também pessoas) e, em teoria de exploração dos aparelhos técnicos (Dzida, 1987).

O desenvolvimento mais dinâmico da praxeologia na Polónia deu-se a partir de 1958 quando se constituiu em Varsóvia uma unidade autónoma de investigação pertencente à Academia das Ciências da Polónia. Em princípio adquire o nome de Unidade dos Problemas Gerais da Organização de Trabalho, transformando-se posteriormente (1967) no Departamento de Praxeologia pertencente ao Instituto de Filosofia e Sociologia da Academia das Ciências da Polónia com sede em Varsóvia. Após o ano de 1989, devido ao processo de transição nos países do Centro e Leste da Europa, o que atingiu igualmente a Polónia, e resultou em problemas de financiamento e necessidades de reestruturação da Academia das Ciências, o Departamento de Praxeologia deixou de existir e o grupo de praxeologia foi incorporado no Departamento de Lógica da Língua e da Actuação da mesma instituição. Todavia, em 1990, foi constituída a Sociedade Científica de Praxeologia com sede em Varsóvia no edifício da Academia das Ciências. Em 1995, por iniciativa da Fundação «Conhecimento e Actuação» constituída pela Sociedade Científica de Praxeologia e com apoio de «The Open Society Institute», foi fundado em Varsóvia o «Collegium Invisibile» cujo objectivo é educar a elite dos melhores alunos universitários e das outras escolas superiores, criando-lhes condições para o aumento dos seus conhecimentos e de acordo com as suas capacidades, sob a forma de concessão de bolsas de estudo e criação dum sistema de tutores – conceituadas autoridades científicas.

Actualmente no âmbito da praxeologia são editadas duas publicações sistemáticas: «Prakseologia» – uma revista trimestral em polaco, sob a direcção de W. Gasparski dedicada aos problemas filosóficos, teóricos e metodológicos da eficiência da actuação, onde, para além duma problemática estritamente praxeológica, se publicam trabalhos e estudos de áreas afins, como os da tomada de decisão, da gestão de empresas, da teoria das organizações, da ética dos

negócios, do marketing, do comportamento organizacional, da psicologia da criatividade etc.; o segundo é o livro «Praxiology - The International Annual of Practical Philosophy and Methodology», editado em inglês nos EUA e no Reino Unido pela Transaction Publishers, cujo último volume, o quarto, foi intitulado «Social Agency».

BIBLIOGRAFIA

- Auspitz, J. L. (1988). *A note on the coherence of praxiology and ethics in the philosophy of Tadeusz Kotarbinski*. Texto apresentado na conferência internacional «Praxeologies and The Philosophy of Economics», Varsóvia, 2-5 de Setembro de 1988.
- Dabrowski, T. (1989). Pierwsze programy badan prakseologicznych. *Prakseologia*, 102-103 (1-2), 39-58.
- Dicionário da Língua Portuguesa* (1976). Porto: Porto Editora.
- Dzida, J. (1987). *Prakseologia*. In *Filozofia a nauka. Zarys encyklopedyczny* (pp. 488-497). Wrocław: Ossolineum.
- Espinás, A. V. (1991). Początki techniki. *Prakseologia*, 112-113 (3-4), 107-143.
- Ferrari, G. (1988). *Normative positions in praxiology*. Texto apresentado na conferência internacional «Praxeologies and The Philosophy of Economics», Varsóvia, 2-5 de Setembro de 1988.
- Gasparski, W. (1983). Metodologia nauk praktycznych Tadeusza Kotarbinskiego. *Projektowanie i Systemy*, 4, 24-36.
- Gasparski, W. (1983a). Metodologia projektowania: od inspiracji do realizacji. *Zagadnienia Naukoznawstwa*, 76 (4), 436-445.
- Gasparski, W. (1986). Tadeusz Kotarbinski i jego metodologia ogólna. *Prakseologia*, 97-98 (1-2), 5-18.
- Gasparski, W. (1988). *Oskar Lange's considerations on interrelations between praxeology, cybernetics, and economics*. Texto apresentado na conferência internacional «Praxeologies and The Philosophy of Economics», Varsóvia, 2-5 de Setembro de 1988.
- Gasparski, W. (1989). Praxiology. In M. G. Singh (Ed.), *Systems & control encyclopedia* (pp. 3860-3865). Oxford: Pergamon Press.
- Gasparski, W. (1989a). Design methodology: a personal statement. In P. T. Durbin (Ed.), *Philosophy of technology* (pp. 153-167). Kluwer Academic Publishers.
- Gasparski, W. (1993). Introduction. In T. Airaksinen, & W. Gasparski (Eds.), *Practical philosophy and action theory* (pp. 91-92). New Brunswick: Transaction Publishers.
- Gasparski, W. (1993a). Tadeusz Kotarbinski's philosophy as a philosophy of practicality. In T. Airaksinen, & W. Gasparski (Eds.), *Practical philosophy and action theory* (pp. 93-101). New Brunswick: Transaction Publishers.
- Gasparski, W. (1994). *Sprawne dzialanie: talent czy umietnosc?* Artigo elaborado com base na conferência de inauguração do ano académico na Escola das Habilidades Sociais do Instituto das Ciências Sociais da Universidade de Varsóvia.
- Gasparski, W. (1995). *Wartosciowanie dzialan. Prakseologia*, 126-127 (1-2), 28.
- Kiezun, E. (1980). *Podstawy organizacji i zarzadzania*. Warszawa: KiW.
- Kotarbinski, T. (1969). *Traktat o dobrej robocie*. Wrocław: Ossolineum.
- Kotarbinski, T. (1975). *Haslo dobrej roboty*. Warszawa: WP.
- Kotarbinski, T. (1983). Metodologia umietnosci praktycznych: pojecia i zagadnienia. *Projektowanie i Systemy*, 4, 11-21.
- Kotarbinski, T. (1986). *Elementy teorii poznania, logiki formalnej i metodologii nauk*. Warszawa: PWN.
- Kuc, B. R. (1986). Dorobek i perspektywy rozwoju prakseologicznej teorii organizacji. *Nauki o Zarzadzaniu*, 1-2, 29-45.
- Kuc, B. R. (1987). *Prakseologiczna teoria organizacji*. In A. A. Kozminski (Ed.), *Współczesne teorie organizacji* (pp. 15-48). Warszawa: PWN.
- Podgórecki, A. (Ed.) (1974). *Socjotechnika: funkcjonalnosc i dysfunkcjonalnosc instytucji*. Warszawa: KiW.
- Pszczolowski, T. (1967). *Zasady sprawnego dzialania*. Warszawa: WP.
- Pszczolowski, T. (1978). Wybrane zagadnienia prakseologii, teorii organizacji i ekonomiki. *Projektowanie i Systemy*, 1, 59-72.
- Pszczolowski, T. (1978a). *Encyklopedia prakseologii i teorii organizacji*. Wrocław: Ossolineum.
- Pszczolowski, T. (1978b). *Organizacja od dolu i od góry*. Warszawa: WP.
- Pszczolowski, T. (1986). *Prakseologia w planach i realizacji*. *Prakseologia*, 97-98 (1-2), 19-42.
- Simon, H. A. (1969). *The sciences of the artificial*. Cambridge: MIT Press.
- Wawrzynczak, R. (1988). *Towards a model of action of a (relatively) autonomous subject*. Texto apresentado na conferência internacional «Praxeologies and The Philosophy of Economics», Varsóvia, 2-5 de Setembro de 1988.
- Wolenski, J. (1985). *Filozoficzna szkola lwowsko-warszawska*. Warszawa: PWN.
- Zdyb, M. (1987). *Zarys historii mysli organizatorskiej*. Lublin: UMCS.
- Zieleniewski, J. (1968). *Zasady organizacji pracy w administracji*. Warszawa: PWN.
- Zieleniewski, J. (1978). *Organizacja zespolów ludzkich*. Warszawa: PWN.

RESUMO

Apresentamos aqui uma perspectiva epistemológica diferente – a perspectiva praxeológica. A praxeologia, designada também por metodologia geral é algo novo e algo velho ao mesmo tempo, novo enquanto disciplina científica e velho, enquanto conhecimento quotidiano. Este ramo científico aborda a problemática da eficiência da actuação humana, analisando os conceitos relacionados com a actuação intencional, criticando os métodos utilizados na prática do ponto de vista da sua eficiência e eficácia e, apresentando os modos de aperfeiçoamento da actuação.

Parece-nos que a praxeologia é pouco conhecida ou mesmo desconhecida em Portugal. Daí também a nossa preocupação em apresentar esta abordagem, as suas origens, principais conceitos e pressupostos teóricos, apesar de ser apenas de forma muito resumida e tendo em conta a produção científica desenvolvida neste âmbito por Tadeusz Kotarbinski e pelos seus discípulos.

Palavras-chave: praxeologia, teoria da actuação eficiente, metodologia geral, eficiência.

ABSTRACT

This paper presents a different epistemological approach – the praxiological one.

Praxiology, also called general methodology, is simultaneously something both new and old – it is new as a scientific discipline and it is old as a commonsensual knowledge.

This scientific branch deals with the issue of effectiveness of human action and analyses the concepts related to intentional action. It criticizes the methods used in practice from the point of view of its efficiency and efficacy, as well as it presents different ways of improving action.

It seems to us that praxiology is a little known or even unknown branch of knowledge in Portugal. For this reason we have been concerned in introducing this approach, its origin, main concepts and theoretical basis, even if it is presented in a summarized form in comparison to Tadeusz Kotarbinski's and his disciples's scientific output.

Key words: praxiology, efficient action theory, general methodology, efficiency.